

# Relatório da visita técnica com o especialista em Arqueoastronomia Manuel De La Torre Ugarte Bustos



Adnir Antonio Ramos  
Instituto Multidisciplinar de Meio  
Ambiente e Arqueoastronomia - IMMA  
17/02/2014

## Relatório da visita técnica com o especialista em Arqueoastronomia Manuel De La Torre Ugarte Bustos

Do dia 15 a 20 de fevereiro de 2014

Para o dia 15 de fevereiro o IMMA havia programado de levar o pesquisador e especialista em arqueoastronomia Manuel De La Torre na Ilha do Campeche. Após 20 dias de muito calor e estiagem na Grande Florianópolis, uma forte frente fria chegou junto com o maestro boliviano fazendo com que as ondas do mar subissem de 80 cm para 3 metros de



altura com vento sul de 60 km. Sem poder fazer a travessia para a ilha devido à ressaca Alexandre Amorim acionou o plano "B", levá-lo na Pedra do Frade na Barra da Lagoa.

Por volta das 10 horas Alexandre Amorin, Adair Cardoso e Adnir Ramos conduziram o ilustre visitante até o local programado enfrentando as dificuldades de uma trilha de difícil acesso até

chegarmos na primeira Arte Rupestre daquela região do costão da Pedra do Frade.

Trata-se de uma gravura de doze linhas onduladas em uma pequena pedra de diabásio localizada abaixo de uma pedra maior de granito. A gravura marca o ponto onde o observador deve se posicionar para ver o Sol nascer no horizonte leste bem no meio da Pedra do Frade no Solstício de Verão.



Como se observa as ondas do mar atingiam a base que equilibra a pedra do frade que, imponente, resiste à força dos vagalhões, as tempestades e a pior das ações, a humana. Perguntam-se quantos anos ela esta ali marcando os eventos cotidianos, do céu e do mar? Centenas? Milhares? Ninguém sabe responder a não ser os que a colocaram ali. Podem-se formular milhares de teorias, mas a verdade só Deus sabe!

Durante a visita gravamos uma entrevista em vídeo, e perguntamos a ele:

<http://www.youtube.com/watch?v=CRpbuX-MCvY>

**Adnir** - Professor a pedra do frade é um monumento megalítico?

**De La Torre** - Acho que sim, nota-se que não está em natural, nota-se que a pedra de cima foi colocada, parece que a pedra foi alisada e que não está como as outras e parece que foi um sistema construído.

**Adnir** - Você trabalha com pesquisa semelhante na Bolívia?

**De La Torre** – Sim e tem vários observatórios andinos parecidos onde eles colocavam pedras em cima para fazer observações de solstícios e equinócios. É possível que aqui de onde estamos se observe a posição de algumas estrelas ou planeta em alguma época do ano em relação à pontinha da pedra do Frade.

Alexandre Amorim comentou que o ato de observar o sol no inverno é mais singular, pois onde se observa o solstício de verão pode-se mover para um lado ou para o outro, porém no ponto de observar o sol no solstício de inverno é numa posição que não permite se mover nem para um lado nem para o outro.

De La Torre informou que em Copocabana, Bolívia, tem a Forca do Inca, que não é forca nem é de Inca, mas sim um observatório antigo, está construído na montanha, em lugares parecidos como este, aproveitando as condições da cosmovisão andina. De certa forma estes monumentos construídos são antigos calendários agrícolas que marcam a época de semear e de colheita.

Alexandre informou que aqui as pesquisas arqueológicas revelam que os mais antigos assentamentos na Ilha de Santa Catarina datam cerca de 5 mil anos antes do presente, porém aqueles habitantes não domesticavam plantas, eram caçadores, pescadores e coletores, e que, para essas atividades, também é necessário observar as fases da lua, os períodos de frio, chuva, calor etc.

Ao nos deslocarmos para o sítio de arte rupestre tivemos o privilégio de encontrar uma gravura que ainda não havia sido registrada pelos pesquisadores.

Assim que cheguei numa das gravuras do sítio olhei para uma parede de granito no lado leste e percebi um pequeno abrigo formado por um dólmen apoiado por uma pedra pequena. Um feixe de luz do sol projetado bem em cima da gravura dentro do abrigo me chamou a atenção para os traços o que me fez ir até o abrigo e confirmar minha intuição inicial. Ao lado da gravura, alguns pescadores aproveitaram o abrigo e fizeram uma

pequena fogueira que não chegou a comprometer a pedra suporte da gravura, mas há que se fazer uma reserva do local, pois o gravado já está em estado avançado de desgaste.



Chamou nossa atenção um espelho de água onde fotografamos o sol próximo de sua passagem meridiana.

No dia seguinte, 16 de fevereiro, fomos para a Ponta do Gravatá, onde apresentamos ao especialista em arqueoastronomia, Manuel de La Torre, o sitio megalítico daquele paradisíaco lugar.



Começamos nossa caminhada às 10 horas da manhã de um domingo de sol e mostrando a beleza da paisagem em que nossos ancestrais escolheram para construir um dos mais lindos complexos megalíticos.



Mostramos o posicionamento das pedras e seus respectivos alinhamentos astronômicos



Mostramos os pontos de equilíbrio e posamos diante da resistência da sabedoria perpétua das pedras.



Mostramos onde o sol do solstício de verão se alinha no amanhecer, na linha do horizonte, onde o sol, durante a passagem meridiana, posiciona-se no meio de duas pedras pequenas colocadas sobre uma fenda formada por duas pedras maiores. Mostramos o alinhamento do sol no fim da tarde alinhado dentro de outra fenda e que no prolongamento da fenda um dólmen apoiado em três pontos dá a direção do pôr-do-sol no solstício de verão.



Fotos: Adnir Ramos



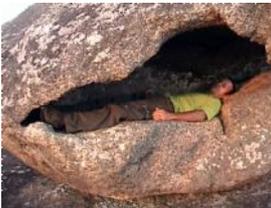
Na dificuldade de entender como essas pedras foram colocadas, só nos resta a possibilidade de sentar, refletir e rever todas as possibilidades.



Ao chegar no topo da "pirâmide geológica" da Ponta do Gravatá mostramos que parte de uma pedra sobreposta a "pirâmide" teve uma lasca, que faz parte de uma falha geológica removida e posicionada para o solstício de inverno e que em cima da pedra cuja lasca foi extraída existe uma canaleta que alinha-se ao nascer do sol no solstício de verão e que o reflexo do sol no mar combina com o reflexo do sol na água quando colocada na canaleta.



No topo desse morro há muitos mistérios a serem pesquisados, porém na eminência da falta de compreensão seguimos contornando a Ponta do Gravatá pelo lado norte até chegar na Pedra da Cama. Nesta pedra nenhuma pessoa resiste a tentação de deitar-se dentro dela para sentir o aconchego, a calma e ver o mundo com o olhar de uma pedra estática numa paisagem dinâmica.



Aproveitamos para mostrar também o ponto onde o sol nasce no solstício de inverno atrás da cama.





Diante de tanta beleza, de muitos mistérios, da grandeza e das formas viaja-se para do presente para o futuro e o passado no mesmo instante.

Rumamos para a encantada Prainha do Gravatá onde alguns caçadores e pescadores que viveram nessa região deixaram suas marcas nas pedras ao afiarem seus artefatos líticos.

Foi na praia à sombra do rancho de pescadores que aproveitamos para entrevistar novamente o professor De La Torre. Segue trechos da entrevista publicada na íntegra no [link](http://www.youtube.com/watch?v=bUA7TLF4Yco) <http://www.youtube.com/watch?v=bUA7TLF4Yco>

**Adnir** – Quanto aos nossos monumentos aqui da ilha qual o seu parecer?

**De La Torre** – Muito interessante, tem muita semelhança com observatórios em lugares da Bolívia, morros, pedras formam posições astronômicas como de equinócios, solstícios os buracos nas pedras com alinhamentos astronômicos, está muito parecido, mas com outra concepção que depende do lugar.

**Adnir** – Como esses observatórios podem estar tão semelhantes na Bolívia e aqui no litoral?

**De La Torre** – De acordo com os estudos de história antiga e arqueoastronomia todos os povos usavam observar a posição do sol da lua para construir seus calendários para saber a época de caçar, colher, pescar, plantar e época de chuva. Eles começaram a construir dependendo do lugar, do material, seja pedra, seja árvore, seja terra, dependendo do lugar eles construíram uma série de artefatos para olhar e recordar a posição dos astros durante o ano.

**Adnir** - Os cientistas daqui dizem que esses monumentos não foram feitos pelo homem, o que você acha?

**De La Torre** – Pode não ter sido feito pelo homem, mas os homens utilizaram para marcar, movendo pedra para marcar, fazendo que coincidam buracos, tendo sido utilizados como calendários. Tem que ter havido um estudo dos pais, dos filhos que foram constantemente localizando essas posições, para ter seus calendários, aqui será para a pesca, plantação, o que chamamos de conhecimento prático, utilizando coisas práticas para marcar. Não é como hoje, que temos relógio e sabemos que horas são, não precisamos olhar o céu e a posição dos astros para saber se é meio dia se esta

entardecendo, para nós hoje é mais fácil, temos calendários, almanaques, mas antigamente não tinha nada disso.

**Adnir** - Você descarta a possibilidade das pedras serem naturais e sim terem sido trabalhadas pelos homens?

**De La Torre** – usaram as pedras e buscaram orientá-las, percebe-se que tem pedras pequenas embaixo, tem outras que foram encostadas, outras com uma espécie de buracos.

**Adnir** – Os que se dizem cientistas aqui, dizem que são lugares muito bonitos, mas não são sítios arqueoastronômicos, o que você acha disso?

**De La Torre** – São cientistas que estão muito encerrados na ciência, eles não abrem para ver o que é arqueoastronomia. Arqueoastronomia é uma ciência que olha o passado para conhecer a história para saber em que época estavam, e existe em muitas partes no Peru, na Bolívia, Brasil, Chile, falando somente da América do Sul. Encontramos muitos lugares onde eles faziam observações, geralmente eram lugares afastados onde eles podiam olhar e observar muito bem. Primeiramente para a caça e pesca, depois para a agricultura e posteriormente armaram toda uma parte mística e religiosa em forma de cerimônias, para agradecer o deus Sol, a mãe Terra, e começa a se misturar os costumes e as festividades religiosas.

**Adnir** – O que você acha, esses calendários tem como objetivo perceber a fertilidade da mulher no verão para o filho nascer na primavera?

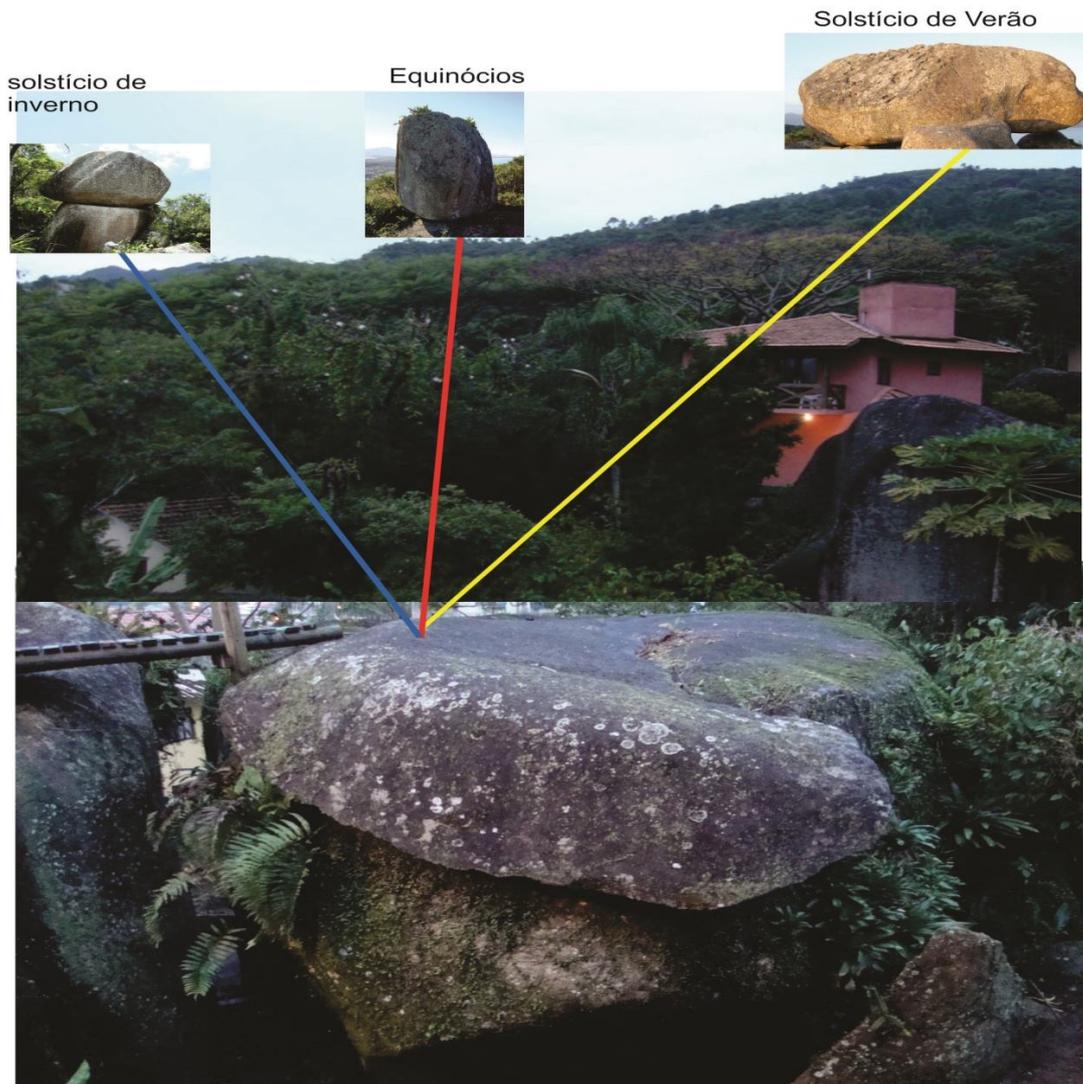
**De La Torre** – Mesmo na Bolívia, tem uns povos que fazem o mesmo ciclo da terra, eles descansam em todo inverno, começam por agosto a preparar a suas terras, para esperar a primavera, inclusive quando eles estão preparando a terra para plantar eles fertilizam a mulher. O homem é quem cava a terra e a mulher é que semeia e tem toda uma série de situações porque a mulher é importante no processo de fertilidade. O homem é encarregado das épocas obscuras, como frio e chuva durante o inverno.

**Adnir** – Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

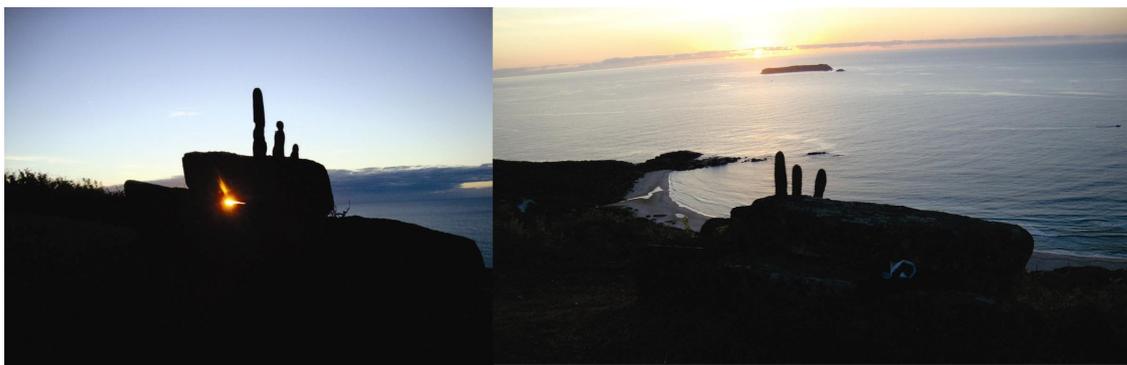
**De La Torre** – Gostaria de agradecer a Alexandre por me convidar a vir conhecer estes lugares que tem muita semelhança com os povos lá da Bolívia a quatro mil metros de altitude com povos que vivem aqui ao nível do mar.

No dia 17/02/2014 o professor Manuel de La Torre veio até a sede do IMMA onde tivemos a oportunidade de trocar muitas experiências arqueoastronômicas e após a chuva passar iniciamos a caminhada rumo ao observatório Pedra Virada no Morro da Galheta.

Primeiramente passamos pela Plataforma de observação astronômica no início da trilha da Oração na Fortaleza da Barra, e mostramos as três pequenas pedras que equilibram a plataforma de onde se observa outras três pedras no topo do morro que marcam as mudanças de estações.



No cimo do morro da Galheta mostramos o Dólmen da Oração e seus respectivos alinhamentos



Solstício de inverno

Solstício de verão



**Dirigimo-nos um pouco mais acima e apresentamos o observatório Pedra Virada e seus respectivos alinhamentos astronômicos e posteriormente gravamos mais uma entrevista, disponível no *link* <http://www.youtube.com/watch?v=xmSuMe5srmg>**

Uma pergunta que gostaria de salientar é:

**Adnir** – Você confirma que esse é um observatório arqueoastronômico?

**De La Torre** – Sim! Este é um observatório arqueoastronômico utilizando pedras naturais, vemos que nenhuma está trabalhada com signos nem com cortes, muito natural. Porém tem muita configuração de pedras para fazer alinhamentos.

**Adnir** – Hoje analisamos através do *Google Earth* que o alinhamento de solstício de inverno aqui de Florianópolis é 296 graus e 45 minutos, e que o templo de Tiwanaku na Bolívia está a 296 graus e 38 minutos, ou seja, 7 minutos de diferença. A que você atribui essa semelhança?

**De La Torre** – Sim, isto é muito interessante, são alinhamentos muito grandes, basicamente que os povos observavam os mesmos eventos no mesmo momento, os equinócios os solstícios em diferentes lugares. Hoje temos instrumentos e satélites que nos permitem ver que as datas coincidem nos mesmos dias e horários.

**Adnir** – Outra coisa que observamos é que o povo que construiu Tiwanaku na Bolívia é contemporâneo ao Homem do Sambaqui que viveu no litoral atlântico que tem idade estimada entre 6 e 8 mil anos e que desaparecem repentinamente mil anos depois de

Cristo, e que os Incas no Peru e o índio Itararé também são contemporâneos. O que você acha que aconteceu?

**De La Torre** – Sim! Parece que são mega eventos de catástrofe, seca que tenha afetado a muitos povos aqui, na Ilha de Páscoa, Chile, Colômbia. Cada um tem suas histórias, suas lendas que falam de possíveis catástrofes e faz com que desapareça uma cultura, ou que tenha que se mover como é o caso dos Incas que buscavam formar o império Inca.

No dia 20 de fevereiro fomos até a Ilha do Campeche.

Foi uma viagem corrida, pois durante a tarde o professor De La Torre já tinha compromisso.



Chegamos à ilha e nos dirigimos para as gravuras rupestres. A ilha estava sossegada após quatro dias de ressaca só havia gaivotas na praia, poucos pescadores e um guia turístico, João Rubens

Dirigimos-nos ao letreiro, na parte leste da ilha onde apresentei as gravuras daquele local.



E fomos até a Pedra Fincada, local que deixou o professor Manuel de La Torre bem intrigado. Lembro dele comentar como é que colocaram aquela pedra ali?

